

**VIOLÊNCIA ESCOLAR COMO REFLEXO DA SOCIEDADE:
Uma revisão integrativa**

Josefa Lindinês da Silva Tavares¹
Roseane Amorim da Silva²

Resumo: O presente estudo teve como objetivo identificar aspectos da sociedade que influenciam a violência no ambiente escolar, e as estratégias de intervenção desenvolvidas pelas escolas. Foi desenvolvido a partir de uma revisão integrativa, onde foram pesquisados artigos no SciELO e no Portal da Capes, nos últimos dez anos. Com os descritores violência escolar e sociedade, foram localizados 22 resultados no SciELO, destes apenas quatro se relacionam com os objetivos do presente estudo. Na plataforma Capes com os descritores: “violência escolar e sociedade”, foram localizadas 173 pesquisas, descartamos 159 e ficamos com apenas 14. Nos resultados, foi visto que as medidas de intervenção são limitadas, uma vez que faltam políticas públicas voltadas para essa demanda específica, bem como falta de recursos destinados a especialização docente, também existe a necessidade de identificar as possíveis causas da violência, para que sejam desenvolvidas soluções exitosas e permanentes, com uma educação com práticas pedagógicas que propicie uma cultura de paz no ambiente escolar, foram discutidos formas pelas quais a tecnologia pode contribuir para o processo de conscientização dos jovens a respeito dos tipos de violência por eles vivenciadas, com o desenvolvimento de jogos que possam auxiliar os adolescentes na compreensão da problemática envolvendo as situações de violência no ambiente escolar. De modo geral foram sugeridas a realização de palestras envolvendo as famílias, para que, através do diálogo, exista compreensão do contexto onde esses jovens estão inseridos e, a partir dessa diagnose, seja possível desenvolver práticas exitosas de acordo com cada realidade exposta e presenciada.

Palavras-chave: Violência na escola. violência na sociedade. Revisão integrativa. Educação.

SCHOOL VIOLENCE AS A REFLECTION OF SOCIETY: an integrative review

Abstract: The present study aimed to identify aspects of society that influence violence in the school environment, and the intervention strategies developed by schools. He was developed based in integrative review, where articles were searched in SciELO and Portal da Capes, in the last ten years. With the descriptors school violence and society, 22 results were found in SciELO, of which only 4 are related to the objectives of the present study. On the Capes platform with the descriptors: “school violence and society”, 173 researches were located, we discarded 159 and were left with only 14. The results revealed that intervention measures are limited, given the lack of public policies addressing this specific need, as well as a lack of resources for teacher specialization. There is also a need to identify the possible causes of violence so that successful and lasting solutions can be developed, with education based on pedagogical practices that foster a culture of peace in the school environment. The study discussed ways in which technology can contribute to raising awareness among young people about the types of violence they experience, with the development of games that can help adolescents understand the problems surrounding situations of violence in the school environment. In general, it was suggested that talks be held with families, so that, through dialogue, there may be an understanding of the context

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada. E-mail de contato: Josefa.lindines@ufrpe.br.

² Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada. E-mail de contato: Roseane.amorim@ufrpe.br

in which these young people are inserted. Based on this diagnosis, it is possible to develop successful practices according to each reality exposed and witnessed.

Keywords: Violence at school. violence in Society. Integrative review. Education.

LA VIOLENCIA ESCOLAR COMO REFLEJO DE LA SOCIEDAD: una revisión

Resumen: El presente estudio tuvo como objetivo identificar aspectos de la sociedad que influyen en la violencia en el ambiente escolar y las estrategias de intervención desarrolladas por las escuelas. El estudio se desarrolló a partir de una investigación bibliográfica, realizada a través de una revisión integradora, donde se buscaron artículos en SciELO y Portal da Capes, en los últimos diez años. Con los descriptores violencia escolar y sociedad, fueron encontrados 22 resultados en Scielo, de los cuales sólo 4 están relacionados con los objetivos del presente estudio. En la plataforma de la Capes con los descriptores: “violencia escolar y sociedad”, se ubicaron 173 investigaciones, descartamos 159 y quedamos solo 14 que sirvieron para el análisis y construcción de nuestras reflexiones, sumadas a las de SciELO obtuvimos 18. Los resultados revelaron que las medidas de intervención son limitadas, dada la falta de políticas públicas que aborden esta necesidad específica, así como la falta de recursos para la especialización docente. También es necesario identificar las posibles causas de la violencia para desarrollar soluciones exitosas y duraderas, con una educación basada en prácticas pedagógicas que fomenten una cultura de paz en el entorno escolar. El estudio analizó cómo la tecnología puede contribuir a la sensibilización de los jóvenes sobre los tipos de violencia que experimentan, con el desarrollo de juegos que pueden ayudarlos a comprender los problemas que rodean las situaciones de violencia en el entorno escolar. En general, se sugirió realizar conversaciones con las familias para que, a través del diálogo, se comprenda el contexto en el que se insertan estos jóvenes. Con base en este diagnóstico, es posible desarrollar prácticas exitosas según cada realidad expuesta y presenciada.

Palabras clave: Violencia en la escuela. violencia en la sociedad. Revisión integradora. Educación.

Introdução

A violência está presente em zonas urbanas e rurais, não se limitando apenas às grandes metrópoles ou áreas periféricas, atingindo todas as classes sociais. Consequentemente, tem sido presenciada cenas de violência nas ruas, nas casas e nas escolas, atingindo direta ou indiretamente muitas famílias. De tal modo, as instituições vêm sendo palco de situações violentas, amedrontando pais, professores e alunos. O impacto desses comportamentos violentos no ambiente escolar vem sendo alvo de discussões e preocupações por educadores, psicólogos e familiares.

A grande ocorrência de casos de violência e atentados nas escolas, bem como a necessidade de informações sobre a temática na formação docente, são as principais motivações para a realização desta pesquisa. É de extrema importância verificar como se manifesta a violência no ambiente escolar, tendo em vista que é um lugar de sociabilidade e que as

consequências destas formas de agressão são duradouras e irreparáveis para formação individual, afetam a autoestima e acabam refletindo na vida pessoal, escolar, no desempenho e aprendizagem. É necessário, portanto, que o assunto seja tratado com a devida importância, pois a maioria dos casos pode passar despercebida ou ser encarada como brincadeira, naturalizando a violência e contribuindo para sua disseminação.

Em suas considerações, Assis (2023) pontua que redimensionar um processo estrutural não é algo que se faz por lei ou decreto, é um processo lento, com idas e vindas, avanços e retrocessos, e exige engajamento coletivo. A realidade em que vivemos ainda está longe de ser adequada em relação à cultura do respeito aos direitos humanos e proteção integral à infância e juventude. Mas, mesmo diante de situações contraditórias, é necessário encontrar brechas e estratégias para lutar por uma educação que preze pelo respeito a professores, pais, funcionários e alunos. As instituições, a família, a escola e os órgãos públicos precisam se unir de forma intensa e específica. Portanto, é essencial garantir que o ensino e a aprendizagem de fato ocorram em um ambiente direcionado para o respeito aos direitos humanos, os objetivos, as práticas e a própria forma de organização das instituições sejam alinhadas com a identificação e a resolução desses conflitos predominantes.

Diante disso, Abramovay (2015)relata que é de grande importância o conhecimento do que acontece no cotidiano das escolas através de diagnósticos, para que se possa planejar o trabalho a ser realizado com o objetivo de ocorrer uma construção de propostas exitosas atuando na intervenção e convivência escolar, que possam servir para melhorar o ambiente, com o objetivo de se presenciar uma escola orientada e caracterizada pelo entendimento mútuo, respeito e responsabilidade; almejando a igualdade de oportunidades, o sentido de pertencimento, a autonomia, a dignidade e a autoestima de todos os membros da comunidade escolar. Destarte, a justificativa desse estudo se deu a partir da grande ocorrência de casos de violência e atentados nas escolas, bem como a necessidade de informações sobre a temática na formação docente, a principal motivação para sustentar esta pesquisa reside na importância que o tema possui para a sociedade, tendo em vista o crescimento dos casos de violências nas escolas.

Há necessidade de identificar as possíveis causas da violência para que existam soluções exitosas e permanentes. Com o surgimento de ações que abordem a compreensão o diálogo sobre preconceitos, discriminação e bullying, a fim de conscientizar os jovens sobre o conceito

e o estrago que cada um pode causar na vida das pessoas. Para que seja possível um ambiente harmonioso na escola, é preciso aprender a conviver com as diferenças que existem na sociedade, para que se construa cidadãos críticos reflexivos que respeitem as culturas, etnias, religião e orientação sexual do outro esse previna a violência, fomentando relações saudáveis entre todos. Nesse aspecto, a tecnologia pode contribuir, com jogos educativos que auxiliem as discussões através da mediação do professor, propondo intervenções e reflexões. Também foi sugerido uma maior participação das famílias, para que seja possível a compreensão de onde esses jovens estão inseridos. Sendo assim, através desse conhecimento, será possível desenvolver soluções efetivas e constantes.

Metodologia

O estudo aqui apresentado foi desenvolvido através da realização de uma pesquisa bibliográfica, do tipo Revisão Integrativa, que busca o conhecimento em formatos diversos de materiais como: artigos, livros, revistas e outros, a partir da proposta de interpretação qualitativa de dados. Minayo (1994), ressalta que essa abordagem se preocupa com as vivências sociais através de um nível de realidade que não é possível ser quantificada, trabalhando com o universo dos significados, crenças, valores, aspirações e motivos.

Para desenvolver a presente pesquisa, foi realizada uma revisão integrativa da literatura. Buscamos a produção de estudos sobre violência escolar e sociedade nas bases de dados das plataformas SciELO e Capes, nos últimos 10anos (2014-2024). A escolha das plataformas mencionadas vem do fato dessas disponibilizarem artigos revisados por pares, com alto rigor metodológico, e garantirem o acesso a fontes cientificamente validadas. O SciELO é de acesso aberto, permitindo consultar e baixar artigos sem custos, e a plataforma Capes oferece acesso gratuito a um vasto número de periódicos, inclusive internacionais. Permitem filtrar os artigos científicos por ano, idioma, tipo de documento, área temática, entre outros critérios essenciais para uma revisão sistemática ou integrativa de qualidade. Isso assegura que a pesquisa esteja ancorada em evidências sólidas.

Na plataforma SciELO, com os descritores “violência escolar e sociedade”, foram localizados 22 resultados, após a leitura do título, foram descartados 12 trabalhos por não se enquadrarem nos objetivos do presente estudo, restando apenas 10. Dentre estes foram

realizadas leituras dos resumos e palavras-chaves e eliminamos seis trabalhos. Ficamos com quatro que se relacionam com os objetivos do presente estudo.

Na busca realizada na plataforma Capes, com os descritores: “violência escolar e sociedade”, foram consideradas publicações com acesso aberto, produção nacional e idioma português. Foram localizadas 173 pesquisas. Após a análise do título dos objetivos, foram descartados 97 trabalhos por não se enquadrarem nos objetivos desta pesquisa, restando apenas 76. Em seguida, foi realizada uma leitura minuciosa dos resumos, e eliminados 28 trabalhos, restando apenas 48 trabalhos. Quando somados aos do SciELO, obtivemos 52 trabalhos para análise. Dentre estes, utilizamos apenas 18 para este artigo.

Após a leitura dos artigos, realizamos uma análise temática de conteúdo. Organizamos o material a ser analisado “de acordo com os objetivos e questões de estudo, definido principalmente a unidade de registro, unidade de contexto, trechos significativos e categorias” (Minayo, 1994, p. 76). Diante dessa proposta, elencamos três categorias construídas a partir das temáticas que mais se aproximavam identificadas nos artigos localizados: Aspectos da sociedade que influenciam a violência no espaço escolar; Partindo desse pressuposto, a educação sempre foi vista e pensada para a elite, onde a escola ficava de um lado e a comunidade do outro, reproduzindo uma educação seletiva e excludente, é inegável a violência estrutural desde o processo de emancipação do continente e como isso tem grande influência até os dias atuais. Já as questões relacionadas à violência no âmbito escolar; a competição, a luta por sobrevivência e o ritmo frenético de trabalho são incorporados pelas crianças que acabam reproduzindo esses comportamentos. Para Miranda (2018), o cotidiano da comunidade é marcado pelos traços de uma sociedade competitiva, apressada e transcendente. Em se tratando de estratégias construídas pelas escolas para intervir nas situações de violência, as instituições, a família, a escola e os órgãos públicos precisam se unir de forma intensa e específica, sendo necessário que a escola possa ter condições de voltar a desenvolver seu papel de emancipadora de cidadãos.

Foram construídos quadros para apresentar de modo sistematizado os trabalhos analisados. No Quadro (1), foram apresentados seis artigos sobre as questões relacionadas à violência no âmbito escolar. No Quadro (2), apresentamos cinco artigos sobre aspectos da sociedade que influenciam a violência no espaço escolar. No Quadro (3), apresentamos

estratégias construídas pelas escolas para intervir nas situações de violência, com sete artigos. Após a análise dos trabalhos elencados, discutimos também os desafios e dificuldades a respeito da violência nas escolas.

Resultados e discussões

A violência escolar é um fenômeno preocupante e tem se apresentado de diversas formas nas escolas. Situações de desrespeito e indisciplina tem cada vez mais destaque, desenvolvendo um clima de medo, apreensão e vulnerabilidade entre professores e alunos, perante a sociedade. Entretanto, é necessário se pautar em um olhar atento e uma percepção social diante desses acontecimentos. Desse modo, na busca por atender o objetivo do presente estudo sobre os aspectos da sociedade que influenciam na violência escolar, discutiremos reflexões construídas a partir do levantamento de dados com informações abordadas por autores, bem como suas perspectivas e experiências, através de pesquisas que abordam o processo ativo de reflexão a respeito de como as reproduções de violência se manifestam no cotidiano dos estudantes, suas implicações e possíveis meios de enfrentamento. Como descrito na metodologia, quando somados os artigos que localizamos na plataforma Capes e os do SciELO, obtivemos 52 artigos, dentre os quais apenas 18 foram utilizados para as discussões deste artigo.

Aspectos da sociedade que influenciam a violência no espaço escolar

Em relação aos aspectos da sociedade que influenciam a violência, localizamos seis artigos, conforme pode ser visto no quadro a seguir.

Quadro 1: Aspectos da sociedade que influenciam a violência no espaço escolar

Título	Autores/as	Objetivo	Ano
Violências na escola e a colonialidade do poder: concepção epistêmica de cultura de paz na descolonização do saber	M. D. Silva, Maria Gessi-Leila Medeiros, Maria do Carmo Alves do Bonfim	Discute a colonialidade do poder e suas repercussões nas práticas de violências que predominam nos territórios da escola brasileira.	2015
Ritos e violência no Ensino Fundamental	José Bispo Miranda	Aborda o surgimento de comportamentos violentos na escola a partir dos atos aparentemente insignificantes.	2018
Violência e sofrimento social no contexto escolar: um estudo de caso em Porto Alegre (RS)	Luiza Machado Piccoli, Marisângela Spolaôr Lena, Tonantzin Ribeiro Gonçalves	Analisa a violência e o sofrimento social em uma escola de Porto Alegre (RS) buscando compreender como a violência tem feito parte das relações no contexto escolar.	2019
Violência substantivada: perspectiva de estudantes de uma escola pública	Meireles, Jacqueline; Guzzo, Raquel Souza Lobo	Sintetiza resultados de uma dissertação de mestrado construída no enfrentamento à violência em escolas públicas.	2019
Violência nas séries iniciais da escola pública municipal	Cícera Rita Rogerio de Medeiros	Mostra as diversas faces da violência, os seus motivos, suas consequências e efeitos em uma escola pública.	2023
Bullying nas escolas públicas e privadas: Os efeitos de gênero, raça e nível socioeconômico	Silva, Cíntia Santana e; Vilela, Elaine Meire; Oliveira, Valeria Cristina	Verifica se o Bullying está relacionado com hierarquias de poder estabelecidas na sociedade.	2024

Fonte: elaborada pela autora (2024).

Os autores Silva, Medeiros e Bonfim (2015), em uma pesquisa sobre violência na escola e colonialidade do poder, descrevem que a difusão da cultura do medo é uma das grandes

características da sociedade contemporânea, gerando um estado de paralisia e de impotência, impedindo que os sujeitos envolvidos em situação de violência compreendam as raízes de suas formas originárias, tornando-se incapazes de atos de insurgência contra tal ordem.

Esse contexto representa o longo processo histórico de colonização do Brasil, que significou, indiscutivelmente, a violência em detrimento do outro, a repressão de poder sob a sociedade e a manutenção da dominação do Estado. Partindo desse pressuposto, a educação sempre foi vista e pensada para a elite, onde a escola ficava de um lado e a comunidade do outro, reproduzindo uma educação seletiva e excludente, o que se reproduz até os dias atuais. É inegável a violência estrutural desde o processo de emancipação do continente. “É a partir dessa realidade que a escola, como espaço educativo e de socialização dos sujeitos, passa a produzir, reproduzir e conviver com práticas de violências e de intolerância e reflete o modelo de educação eurocêntrica” (Silva; Medeiros; Bonfim, 2015, p. 165).

Durante a realização do trabalho de pesquisa, Piccoli, Lena e Gonçalves (2019) analisaram a violência e o sofrimento social em uma escola de Porto Alegre, RS, entre 2015 e 2016, onde se pôde constatar a precariedade dos serviços ofertados e a negligência por parte do poder público, que se omitia diante das demandas de dignidade, como moradia e saneamento básico. Nesse sentido, as autoras constataram o predomínio de uma visão negativa, pré-concebida e, por vezes, estigmatizante sobre os alunos, suas famílias e a comunidade, o que se associava ao baixo nível socioeconômico, às drogas e à violência. Por exemplo, o papel atribuído à educação na vida dos alunos e das famílias foi uma questão iminente, muitas vezes, problematizada pelas professoras. “Por vezes, o “descaso” com que as famílias e, conseqüentemente, os alunos se relacionavam com a escola e seu desconhecimento sobre sua função, era naturalizado, dada sua condição social” (Piccoli; Lena; Gonçalves, 2019, p. 180).

Diante dos relatos dos professores que a família não participa e somente vê a escola como depósito de crianças, e que muitos alunos acabavam deixando de estudar para comercializar drogas, pois na visão deles traria mais benefício, mostra uma acentuada desigualdade estrutural e que envolve outras formas de dominação, como o tráfico. Os docentes relatam impotência e desmotivação, pois se veem diante de uma realidade que não vislumbra muitas oportunidades para esses jovens. Ao mesmo tempo, a unidade tenta distanciar a violência para fora dos muros, mas também perpetua modos de estigmatização, oferecendo

pouca abertura para outros desfechos. Piccoli, Lena e Gonçalves (2019) descrevem que as aulas eram muitas vezes interrompidas por tiroteios que ocorriam devido ao processo de disputa de território na comunidade.

A realização do estudo mencionado possibilitou a compreensão de que, em um contexto de microviolências, estas acabam por também produzir sofrimento devido à falta de oportunidades e incentivo, trazendo cargas negativas para os jovens. A falta de envolvimento das famílias e a distância entre as instâncias trazem diversos prejuízos, alguns até irreversíveis, e mostra como é necessária a participação de todos.

Como pontuado anteriormente a violência é presente em todos os segmentos da sociedade. “Lançamos mão da violência com frequência para resolver as situações, devido à sua utilidade instrumental: a violência assume alta eficácia em nossa cultura, onde as relações de poder são tão desiguais e o diálogo não prevalece” (Meireles; Guzzo, 2019, p. 3).

Partindo desse entrave Meireles e Guzzo (2019) mencionam que a concessão da violência como válvula de escape de uma situação limite revela tanto o perfil do agressor, com a questão da não aceitação e imposição, como a questão da opressão. Nesse aspecto, a escola já sofre um tipo de agressão, como relatado por os profissionais, como falta de professores, falta de estrutura física dos prédios, corte de verbas e fluxo de gestão, o que se configura como uma negação de direitos para com a comunidade.

Também foram discutidos, segundo Meireles e Guzzo (2019), violências interpessoais, com a questão de preconceitos, racismo, homofobia, violação de acordos, bullying, agressões verbais, abuso sexual, violência virtual com exposição nas redes sociais, delitos e até homicídios. Com base nos relatos analisou-se os sentimentos que a violência desperta neles, dentre elas: euforia por exemplo, quando comemoram episódios de briga; fatalismo, ou seja, descrença de que a situação vai mudar, ou que não serão ouvidos; tristeza, bem presente seja nos relatos ou nas expressões, junto com o sentimento de desvalorização de suas versões.

Em se tratando das razões para cometer violência, Meireles e Guzzo (2019) pontuam que os estudantes relataram: desvalorização por parte da escola, ciúmes, impunidade, pois sabem que não sofreram punições; prazer, motivo de diversão; reconhecimento, quando o estudante sofre uma pressão para realizar desafios; razões econômicas, quando, por exemplo, associam pobreza a crimes; competição através de jogos; brincadeira, revide resposta a

agressão; e preconceito em formas de racismo, homofobia e preconceito de classe.

Como relata em sua pesquisa, Medeiros (2023) salienta que a sociedade tem essa falta de estrutura familiar e que, somando-se a outros fatores, têm se grandes problemas.

É nos pais que os filhos se espelham; é no seio familiar que as crianças recebem a primeira educação e se estruturam emocionalmente para o resto da vida. No entanto, no nosso município, a carência é muito grande: falta moradia, saúde, emprego e comida, condições básicas de sobrevivência para uma vida digna. Pessoas que são reféns de injustiças sociais lastimáveis. A educação é de fundamental importância para se ter uma visão mais ampla das coisas e do mundo, despertando conscientização e entendimento para que esses pais possam resgatar essas crianças tão marcadas pela violência e repressão de seus desejos. É preciso amar e orientar; no entanto, primordial que um chefe de família possua saúde emocional, dignidade e senso crítico para que possam passar a seus filhos algo que possa dar-lhes continuidade (Medeiros, 2023, p.5).

Um aluno que sofre pressão em casa pode desenvolver problemas de relacionamento, demonstrando suas inseguranças na forma de agressão com os colegas ou professores, seja ela física ou psicológica. A autora supracitada destaca o papel da mídia como impositora de ideias transmitidas, expondo grandes fluxos de conteúdo dos quais as crianças não estão preparadas emocionalmente para ver, tornando assim uma violência simbólica, sem nenhum recurso educativo, com instruções violentas e agressividades e desvios de comportamentos. Como ressalta Medeiros (2023), não podemos ver somente do ponto de vista que é um problema social de estrutura familiar que não podemos contribuir para amenizar. Necessário orientação da família, e o poder público precisa assegurar os direitos básicos de sobrevivência, respeitando a liberdade e a cidadania.

Já na abordagem de Silva e Vilela; Oliveira (2024), que pontuam em sua pesquisa sobre os efeitos de gênero, raça, etnia e nível socioeconômico dentro das escolas, e como se caracterizam essas situações de violência reproduzindo hierarquias presentes na sociedade, advindos da desigualdade social. Como descrevem as autoras, embora exista a implantação de diversas políticas afirmativas e de inclusão social no Brasil, negros, pobres e mulheres continuam ocupando posições de inferioridade na estrutura social. Na escola, essa situação se reflete, quando o aluno de maior poder aquisitivo têm mais acesso à educação, ao lazer e pode se dedicar mais aos estudos, dessa forma atingindo os melhores resultados e obtendo vantagem

frente a colegas que não têm as mesmas oportunidades. Considerando o debate exposto acima, buscamos, então, testar as seguintes hipóteses:

1.Quanto maior o nível socioeconômico do indivíduo, maior a probabilidade de praticar bullying e menor a de ser vítima de bullying; 2.Em comparação aos não brancos, alunos brancos possuem maior probabilidade de praticar bullying e menor probabilidade de vitimização por bullying; 3.Ser homem, comparado a ser mulher, tem impacto positivo em praticar bullying e impacto negativo em sofrer o fenômeno (Silva; Vilela; Oliveira, 2024, p.8).

A violência é um fenômeno que atinge toda sociedade e grupos sociais; entretanto, os grupos minoritários são os mais afetados e discriminados tanto na escola pública quanto na privada, É evidente uma dominação simbólica em que se constitui uma relação complexa, provenientes de diversos fatores, sejam eles psicológicos ou comportamentais, e que devem ser melhor analisados. É necessário a compreender os sentidos subjetivos por trás de todo esse processo, a fim de que haja uma maior compreensão do fenômeno, para que, conhecendo os conflitos, se tenha mais planejamento sobre como lidar.

Como visto anteriormente, através das pesquisas, há uma reprodução do que acontece na sociedade, em que a violência se manifesta de forma estrutural e se acentua quando as questões de desigualdades sociais estão presente nas ruas, nas famílias, na falta de políticas públicas, nos meios de comunicação, tornando-se reflexo de suas vivências, que vão ser reproduzidas no ambiente escolar, a partir da convivência com diferentes modos de agir, pensar e existir na sua individualidade.

Questões relacionadas a violência no âmbito escolar

Foram localizados cinco artigos compatíveis com a temática, como exposto a seguir, no quadro abaixo:

Quadro 2: questões relacionadas a violência no âmbito escolar

Título	Autores/as	Objetivos	Ano
Um estudo sobre jovens e violência no espaço escolar	Leila Maria Ferreira Sales; Joice M.A. de Paula e Silva; Juan Carlos Revilla Castro e Concepción Fernández Villanueva	Investigar a interpretação dos jovens sobre a violência na sociedade, na escola e na sua própria vida.	2014
Sei que existe, mas não quero acreditar: bullying na educação	Darcy Rodrigues da Silva, Laís Leni Oliveira Lima	Compreender a violência no ambiente escolar, visto que esse fenômeno tem preocupado pesquisadores, educadores, pais, sociedade e atores políticos	2015
O observatório da educação e as questões de gênero e violência escolar: confronto entre meninas	Nelson Vieira Torres, Elson Luís de Araújo	Compreender a violência de gênero nas escolas, de responsabilidade da sociedade da família e da escola, bem como o papel da mídia na divulgação dos fatos.	2015
Diversidade Sexual e de gênero no contexto escolar: conceitos, políticas públicas e função da escola	Rone Rosa Martins, Raimundo Márcio Mota de Castro	Compreender o fenômeno da diversidade sexual e de gênero presente no cotidiano, especificamente no contexto escolar.	2017
Violência escolar e responsabilização	Pedro Fernando da Silva, Ricardo Casco	As formas contemporâneas de violência escolar, analisar o impacto que exercem sobre a formação cultural de crianças e jovens em processo de escolarização	2021

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Conforme exposto por Salles *et al.* (2014), a respeito do que os jovens entendem sobre a violência na escola, foi visto que eles entendem a violência como reflexo do que acontece

para além dos muros, seja nas relações familiares, seja na relação entre pares, comunidade, entre outras.

A violência na escola está relacionada às normas de interação que são determinadas e compartilhadas pelo grupo social mais amplo ao qual os alunos pertencem. Desta forma, as explicações para violência remetem a características consideradas próprias da cultura juvenil e da comunidade em que vivem. Ao ter como referência a cultura juvenil, os jovens evidenciam que as relações com os seus pares são altamente competitivas; os jovens competem entre si por prestígio, honra e respeito. Ganhar o respeito significa estar por cima e ter os outros embaixo (Salles *et al.*, 2014, p.152).

Já na pesquisa sobre as manifestações do bullying, Silva e Lima (2015) tem como ponto de partida a compreensão de que a violência no contexto escolar não é um fenômeno isolado e tem ocorrido em várias partes do mundo, diante de várias causas que podem ser de ordem cultural, psicológica e relacionadas às diferenças individuais. “O bullying constitui, a forma mais sutil de violência no âmbito escolar, pois se configura em um fenômeno que acomete, geralmente, colegas da mesma sala de aula como vítimas, deixando sequelas psicológicas” (Silva; Lima, 2015, p.3).

Embora seja um problema tão antigo quanto à existência da escola, ainda não foi possível realizar ações de intervenção de fato eficazes na erradicação, visto que tem muitas origens, sendo necessária uma análise de cada contexto, cada comunidade, faixa etária, condições socioeconômicas, enfim, uma série de indicadores. Silva e Lima (2015) relatam e chamam atenção para os índices de aumento de violência, que têm sido alarmantes durante os últimos anos; os casos de barbárie têm tomado grandes proporções nos últimos anos.

Já na pesquisa de Torres e Araújo (2015), abordam que a busca por identidade é igual para ambos os sexos e que essa reprodução de violência na tentativa de resolver conflitos acaba revelando a hierarquia de gênero da superioridade masculina como a melhor forma de se obter reconhecimento entre os grupos sociais. Torres e Araújo (2015) abordam que os adolescentes, na busca por virilidade, autoafirmação e reconhecimento, querem se sentir pertencentes a um determinado grupo, seja por afinidades ou por uma oportunidade de se destacar. Em muitas situações, se aliam a gangues como uma forma de se sentirem pertencentes a um grupo. “um desses contextos é, sem dúvida, o das gangues, nos quais as brigas e demais agressões físicas se dão igualmente entre garotas, sendo as afrontas e as “guerras” extensíveis também para elas,

agredidas e agressoras” (Abramovay, 2010, p.51 *apud* Torres; Araújo, 2015, p.96).

Como exposto anteriormente por meio dos autores, fica evidente que para a sociedade, é esperado que o comportamento dos meninos seja agressivo, enquanto que a menina deve ser dócil, gentil e recatada. Toda essa construção social é estabelecida em relação a comportamentos esperados, como relatados a seguir:

A agressividade dos meninos, por exemplo, pode ser a aprendizagem da competição da vida adulta, mas também pode fazer com que meninos e meninas aprendam já na infância que há um conjunto de comportamentos interditos para eles e para elas, a partir das representações sobre a agressividade aceita para os homens e a aceita para as mulheres (Anuad, 2008, p.144 *apud* Torres; Araújo, 2015, p.97).

Em outro estudo, Martins e Castro (2017) discutem questões de diversidade sexual e gênero e como essa temática é compreendida no cotidiano escolar. De forma geral, discussões sobre sexualidade se apresenta como tabu na sociedade e, desse modo, são silenciadas desde o ambiente familiar até as escolas. Tudo isso surge em oposição a uma cultura hegemônica predominante imposta como regra em toda sociedade, através de sistemas simbólicos expressos no cotidiano.

Cada cultura proporciona diferentes formas de classificar o mundo e construir significados, existindo entre determinados indivíduos da sociedade um certo consenso sobre esses sistemas partilhados, vindo a se entender o que é cultura, os quais vão versar sobre costumes, religião dentre outros fatores que compõem esse conjunto de vivências de maneira geral, e que vão tecendo seus valores e partilhando suas identidades. “Um conceito basilar para tal debate apoia-se no entendimento de cultura, pois a diversidade apresenta-se como manifestação dos processos culturais modernos. Inclusive a busca pelo reconhecimento das diversidades religiosa, sexual, de gênero, etnia etc.” (Martins; Castro, 2017, p.129). Os pesquisadores Martins e Castro, 2017, defendem que não se pode existir escola sem políticas públicas, as quais sinalizam a necessidade de construção formativa de cidadania e pluralidades, em que todos possam ter liberdade de manifestar suas identidades sem o risco de serem violentados através das forças dominantes e estruturais de representações simbólicas.

Baseadas nas propostas de é ressaltado que o primeiro passo para discutir a violência é compreender as formas que a violência se manifesta. Os autores analisam duas formas: o

bullying e o preconceito, e descrevem que ambas são provenientes de dimensões culturais, sociais, institucionais e individuais e podem se manifestar de acordo com o nível de desenvolvimento psicológico dos indivíduos; também abordam que possuem relação direta com as condições sociais que podem vir a contribuir ou impedir no processo de formação do indivíduo, bem como o desenvolvimento sócio emocional, desde a relação construída na infância até as relações do cotidiano da vida adulta, com suas multifaces e pluralidades. De modo geral, os autores defendem que ambos os tipos de violência se relacionam com a necessidade de controlar forças desconhecidas no agressor e que geram angústia e medo; a partir disso, tende a se manifestar em forma de violência.

Estratégias construídas pelas escolas para intervir nas situações de violência

No quadro abaixo pode ser visto os sete artigos localizados que abordam a discussão sobre as estratégias construídas pelas escolas para lidar com as situações de violência em seu âmbito.

Quadro 3: Estratégias construídas pelas escolas para intervir nas situações de violência

Título	Autores/as	Objetivo	Ano
Prevenção e enfrentamento do Bullying: o papel de professores	Jorge Luiz da Silva, Marina Rezende Bazon	Apresentar um panorama das produções nacionais e internacionais a respeito do papel desempenhado pelos professores nos processos de prevenção, identificação e intervenção no bullying	2017
Combate à violência no Ensino Médio: trabalho com oficinas educativas que oportunizam a convivência democrática na escola	Robson Figueiredo Brito	Combate à violência na escola e indisciplina, através de oficinas de convivência democrática, posicionando os alunos no espaço escolar	2017

Violência e prevenção na escola: as possibilidades da psicologia da Libertação	Moreira, Ana Paula Gomes; Guzzo, Raquel Souza Lobo	Reflete sobre a violência no contexto da escola pública brasileira e sobre qual a compreensão que professoras da educação básica têm a respeito do que sejam situações-limite para o desenvolvimento de seus alunos, no estado de São Paulo.	2017
Bullying e cyberbullying no ambiente escolar: a utilização de jogos como instrumento de conscientização, prevenção e combate a essas práticas	Karla Michelle de Meneses Caeiro Braga, Patrícia Mello de Oliveira, Paula Jucá de Sousa, Ana Paula Legey, Antônio Carlos de Abreu Mól, Victor Gonçalves Glória Freitas, Leonardo Monteiro Trotta	Abordar os fenômenos sociais conhecidos atualmente como bullying e cyberbullying, onde buscam averiguar se as tecnologias podem contribuir como instrumento de conscientização, prevenção e combate ao bullying nas escolas.	2018
Violências entre pares no contexto escolar: razões e enfrentamentos	Eder Soares Sá Britto, Jason Ferreira Mafra	Analisar a produção e reprodução de violência e desigualdades sociais, a práxis freiriana como processo de transformação.	2019
Educação integral como possibilidade de enfrentamento ao Bullying	Débora Rosângela Philomeno Caputi, Verônica Freires da Silva	Apresentar a educação integral como possibilidade de desenvolvimento completo do sujeito no enfrentamento de conflitos e violências.	2020
O desenvolvimento das competências socioemocionais em alunos da educação básica como ferramenta de combate ao “Bullying” nas escolas	Tania Facchini Ricci, José Anderson Santos Cruz	O desenvolvimento de competências socioemocionais para combater o bullying escolar.	2021

Fonte: elaborada pela autora (2024).

Diante da temática a respeito da violência, em sua pesquisa Silva e Bazon (2017) falam sobre prevenção e enfrentamento de bullying. Eles descrevem que a escola precisa refletir sobre o pluralismo de etnias, culturas e condições sócio econômicas, pois é nesse contexto que surgem os conflitos. É essa violência repetitiva e intencional que exerce domínio e poder sobre outro que caracteriza o bullying. Os esforços dos professores para reduzir a violência têm impacto positivo, principalmente quando é levado em consideração que não é apenas brincadeira. Quando os estudantes relatam suas situações de vítimas há grandes chances de as violências cessarem, especialmente devido a questões de poder e hierarquia da figura do professor. No entanto, nem sempre essas situações sensibilizam a uma tomada de decisão, justamente por falta de conhecimento, pois a grande maioria possui conhecimento superficial sobre bullying, tendo assim intervenções desarticuladas e incompletas.

Desse modo, é necessário que haja um conhecimento sobre a temática para existir conscientização, prevenção e enfrentamento, e que principalmente ocorra a responsabilização. Em se tratando da comunicação com a família, quando ocorrem de forma complementar e não isolada, tende a trazer resultados positivos, considerando que os pais são leigos quanto ao bullying. É de grande importância que existam formações continuadas sobre esse tema e que toda a comunidade acadêmica esteja preparada para identificar e tomar medidas, sejam elas preventivas ou de enfrentamento.

Vale salientar a pesquisa de Brito (2017), a qual versa sobre a realização de oficinas educativas como vínculo e participação social dos alunos para o combate à violência na escola, promovido por um projeto de extensão. Destaca a importância da universidade como lugar de formação de profissionais e da importância de tomar conhecimento sobre a violência presente nas escolas, bem como as medidas possíveis de enfrentamento, principalmente a necessidade de existir diálogo entre a educação básica. No projeto, foram desenvolvidas oficinas que se articulam de forma socioeducativa, tendo como discussão os direitos fundamentais das crianças e jovens do país.

Brito (2017) ressalta que as oficinas foram proveitosas, pois os alunos participaram e colaboraram com seus depoimentos e suas demandas foram ouvidas e debatidas. Ficou evidente que as oficinas contribuíram para a reflexão e que essa troca é necessária, podendo estimular e oportunizar a construção de saberes e vivências juntamente com a comunidade.

Diante das possíveis estratégias, Moreira e Guzzo (2017) defendem a necessidade de estabelecimento da ação psicológica através de profissionais qualificados para atender as demandas sociais latentes na escola. A partir dos resultados da pesquisa, é sugerido que a identificação dessas situações, pautadas e objetivadas com orientações concretas, pode orientar no planejamento e desenvolvimento de ações orientadoras, bem como a promoção do desenvolvimento, com o intuito de que a violência vivenciada por os estudantes passe a ser vista como fonte de múltiplas determinações e, portanto, capaz de múltiplas possibilidades de resolução.

Já na perspectiva de Braga *et al.*, (2018) a utilização de jogos e ferramentas digitais pode contribuir de forma considerável para abordagem do bullying e cyberbullying, dado seu poder de alcance e sua aceitação diante dos jovens. Partindo dos jogos para a promoção de diálogos e auxílio na construção de um ambiente escolar que promova a paz e a boa convivência nas escolas e na sociedade em geral, uma vez que se formarão cidadãos adultos e autônomos e que necessitam da boa convivência nos espaços coletivos, bem como o respeito mútuo, portanto, as tecnologias podem e devem ser usadas para auxiliar esse processo de grande relevância.

No trabalho de Soares e Ferreira (2019), que investigou a violência desencadeada por pares no contexto de estudantes do ensino médio, discutiu-se que seria necessário trabalhar a consciência do indivíduo a fim de que possa entender que esse comportamento não é saudável, nem dentro nem fora da escola. De maneira geral organizaram um guia de intervenções que foram as seguintes:

- 1.Promover o diálogo;
- 2.Atividades conjuntas;
- 3.Unir-se às famílias;
- 4.Libertar consciências;
- 5.Organizar encontros conscientizadores;
- 6.Fomentar discussões interdisciplinares;
- 7.Refletir sobre as ocorrências;
- 8.Empatia e compreensão;
- 9.Integrar os que chegam;
- 10.Revisitar as experiências;
- 11.Eliminar os preconceitos nas relações (Soares; Ferreira,2019, p.179).

Concluem, portanto, que o diálogo foi essencial para ouvir e construir possibilidades juntos, considerando cada necessidade individual, mas que reflete no coletivo, tendo como norteadores o diálogo e o respeito às diferenças que permanece sendo um grande enfrentamento na resolução de conflitos.

No trabalho de Caputi e Silva (2020), abordam a educação integral como possibilidade de prevenção ao bullying, visando apresentar a educação como possibilidade no

desenvolvimento do indivíduo e a construção de uma educação humanizada com o poder de transformação. Os autores discutem como a escola tem um grande papel social na efetivação desses processos, defendem a ampliação da carga horária, que oportuniza socialização de ideias, mais tempo de interação e convivência. Entretanto, a partir do maior tempo de interação, começam a surgir ideias convergentes e posicionamentos diferentes, e as atividades ganham significados da expressão dessa construção de relações interpessoais, passando a existir os conflitos.

Partindo da discussão sobre o desenvolvimento das competências sócio emocionais através da escola como ferramentas de combate ao bullying, Ricci e Cruz (2021) discutem que essa é uma forma eficiente de promover a cultura de paz na tentativa de redução dos casos de violência escolar, ajudando na construção da formação ética do sujeito. Para isso, é importante entender quem são os envolvidos, bem como alguns fatores que influenciam esse lugar que cada um ocupa. Assim, é possível verificar que, dentre o perfil dos agressores, existe uma falta de habilidades sócio emocionais, tendo sua hierarquia de valores invertida.

Tendo em vista ferramentas eficazes para a aquisição dessas habilidades, a mediação escolar se mostrou positiva no desenvolvimento de autoconfiança, autoestima e autocontrole, também ajudando a construção da ética e cidadania. Nesse caso, o mediador é um aluno que passa por um treinamento para esse intuito, conhecendo o perfil das vítimas e agressores. A partir de então é possível desenvolver estratégias com o intuito de os estudantes serem protagonistas através de espaços democráticos de diálogo. Os projetos desenvolvidos devem incluir família, funcionários e professores para que possam atuar diante de uma cultura baseada na resolução dos problemas.

Posto isso, dois programas foram exitosos quanto a aplicabilidade e resultados. O primeiro, intitulada “construção da resiliência do adolescente”, trabalhou habilidades de empatia, otimismo, confiança, autocontrole por meio de interações, jogos, diálogos, dinâmicas, metáforas e histórias. Houve envolvimento dos pais e foi perceptível uma autoconfiança e resiliência por parte dos estudantes após o projeto. O segundo, Programa Antibullying de Educação e Saúde, o qual incentivou o protagonismo juvenil, influenciando modificações positivas no contexto escolar. “Os estudantes passaram a assumir uma postura crítica da realidade e um maior comprometimento na construção coletiva de conhecimento” (Ricci; Cruz, 2021).

Também vale ressaltar a necessidade do Estado quanto a criação e implementação de políticas públicas com ações interconectadas que contribuam com o combate à violência nas escolas. Outra abordagem sugere como medida de prevenção a participação da família. Recomenda-se que seja um ambiente estável, que ensine regras, comportamentos, conscientização e experiências de uma boa convivência, praticando sempre o respeito ao próximo construindo um ambiente acolhedor que possibilite o desenvolvimento da autoconfiança e auto estima. É fundamental que os pais estejam presentes no processo de formação de seus filhos, pois esse papel formador tem grandes reflexos sejam eles positivos ou negativos.

Considerações finais

De maneira geral, foi visto nos trabalhos que a estratégia da escola em conduzir a problemática da violência relacionada às práticas de intervenção pautada na resolução de conflitos e elaboração de estratégias, ocorre através do incentivo ao respeito e tolerância, por meio de uma cultura de paz, com a finalidade de desenvolver relações democráticas que possam trazer resultados positivos que auxiliem na transformação das relações sociais. Isso pode atingir o aprendizado e a compreensão enquanto cidadãos participantes nos destinos da sociedade, estimulando o pensamento, a autonomia bem como a noção de direitos e deveres.

É válido destacar a necessidade de identificação dessas ações para que se possa pensar em uma educação emancipatória do sujeito reflexivo, capaz de reconhecer seus atos e seu papel perante a sociedade, por meio de uma educação menos competitiva e mais autônoma. Também vimos que a violência precisa ser compreendida em sua totalidade, encarada não somente como um problema individual, uma carência emocional ou o fato de pertencer a uma família sem condições financeiras ou emocionais. Não cabe isolar ou restringir um ou outro aspecto, mas sim levar em consideração que o indivíduo vai adquirindo posicionamentos à medida que transita nos espaços sociais. Sendo assim, as ações precisam do envolvimento de todos os profissionais do ambiente escolar, das famílias e de políticas públicas que promovam caminhos pedagógicos que ampliem as reflexões a respeito dos diferentes aspectos presentes em situações de violência escolar.

Outro aspecto em evidência é o sucateamento da profissão docente, que acaba

desvalorizando o profissional que, por sua vez, tende a mecanizar essa transmissão de conhecimentos sem auxílio e sem tempo para cuidar de si, expostos a violência e cobranças, o que acaba por fazer surgir adoecimentos físico e mental. E sem a possibilidade de condições de trabalho que propiciem práticas inovadoras e que acabam negligenciando questões de ordem social por cansaço, sobrecarga ou por não quererem se comprometer.

Quanto a possíveis estratégias foram sugeridas: oficinas, jogos educativos, mediadores de conflito, mudanças nas políticas pedagógicas, apoio de psicólogos disponíveis nas escolas atuando constantemente, desenvolvendo competências sócio emocionais nos alunos, aplicabilidade das leis e políticas públicas que considerem todo o contexto de como a violência se manifesta em cada localidade, também sugerem-se mais investimento em lazer e cultura para crianças e adolescentes, programas assistencialistas que promovam rede de apoio às famílias em situação de vulnerabilidade social, formação e capacitação da equipe escolar, envolvimento da comunidade, da família e do estado, tendo como objetivo dar visibilidade à problemática da violência, dado seu poder devastador de longo alcance. Ademais, é de suma importância que professores e alunos sejam protagonistas nesse processo de resolução de conflitos de forma harmoniosa e que se desenvolvam políticas públicas efetivas e exitosas.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. **Programa de prevenção a violência nas escolas**. Apresentação da Faculdade Latino-Americano de Ciências Sociais (FLACSO). Brasília: SEPPIR/PR, 2015.

ASSIS, Simone Gonçalves de et al. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Editora Fiocruz, 2023.

BRAGA, Karla Michelle de Meneses Caeiro et al. **Bullying e cyberbullying no ambiente escolar: a utilização de jogos como instrumento de conscientização, prevenção e combate a essas práticas**. Revista carioca de ciência, tecnologia e educação, v. 3, n. 1, p.1-15, 2018. Disponível em: <https://recite.unicarioca.edu.br/rccte/index.php/rccte/article/view/28> .Acesso em: 10 set. 2024.

BRITO, Robson Figueiredo. **Combate à violência no ensino médio: trabalho com oficinas educativas que oportunizam a (con)vivência democrática na Escola**. Sapere Aude, Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 443–456, 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2017v8n16p443>. Acesso em: 15 set. 2024.

CAPUTI, Débora Rosângela Philomeno; DA SILVA, Verônica Freires. **Educação integral**

como possibilidade de enfrentamento ao bullying. Revista Educação-UNG-Ser-ISSN 1980-6469, v. 15, n. 1, p. 164-170, 2020. Disponível em:
<https://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/4017> . Acesso em: 12 set. 2024.

DA SILVA, Darcy Rodrigues; LIMA, Laís Leni Oliveira. **sei que existe, mas não quero acreditar: bullying na educação.** Itinerarius Reflectionis, v. 11, n. 1, p.1-15,2015. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/37262> . Acesso em: 4 set. 2024.

DA SILVA, Jorge Luiz; BAZON, Marina Rezende. **Prevenção e enfrentamento do bullying: o papel dos professores.** Revista Educação Especial, v. 30, n. 59, p. 615-628, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/28082> . Acesso em: 9 set. 2024.

DA SILVA, Pedro Fernando; CASCO, Ricardo. **Violência escolar e responsabilização. Olhares:** Revista do Departamento de Educação da Unifesp, v. 9, n. 1, p. 213-235, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/11621/8502> . Acesso em: 06 set. 2024.

DA SILVA, Maria do Socorro Pereira; MEDEIROS, Maria Gessi-Leila; Do BONFIM, Maria do Carmo Alves. **Violência na Escola e a Colonialidade do Poder Concepção Epistêmica de Cultura de Paz na Descolonização do Saber.** Linguagens, Educação e Sociedade, n. 32, p. 161-182, 2015. Disponível em :
<https://www.periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1291> . Acesso em 12 dez.2024.

DE MEDEIROS, Cícera Rita Rogerio. **Violência nas séries Iniciais da Escola Pública Municipal.** RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar -ISSN 2675-6218. v. 4, n. 1, p. e412720-e412720, 2023. Disponível em:
<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/2720> . Acesso em: 3 set. 2024.

MARTINS, Rone Rosa; DE CASTRO, Raimundo Márcio Mota. **Diversidade sexual e de gênero no contexto escolar: conceitos, políticas públicas e função da escola.** Revista Profissão Docente, Uberaba, MG, v. 16, n. 34, 2017. Disponível em:
<https://revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1047> . Acesso em: 15 set. 2024.

MEIRELES, Jacqueline; GUZZO, Raquel Souza Lobo. **Violência substantivada: perspectiva de estudantes de uma escola pública.** Psicologia & Sociedade, v. 31, p. e214359, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/cNqwb9Y5ZB59JjnLBML6m/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 4 set 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 17. ed. Petrópolis: Vozes. 1994.

MOREIRA, Ana Paula Gomes; GUZZO, Raquel Souza Lobo. **Violência e prevenção na escola: as possibilidades da psicologia da libertação.** Psicologia & sociedade, v. 29, p. e141683, 2017. Disponível

em:<https://www.scielo.br/j/psoc/a/gL6R3MRpbH4v53qnBxfMYkn/?lang=pt> .Acesso em: 12 set.2024.

PICCOLI, Luiza Machado; LENA, Marisangela Spolaôr; GONÇALVES, Tonantzin Ribeiro. **Violência e sofrimento social no contexto escolar: um estudo de caso em Porto Alegre, RS.** Saúde e Sociedade, v. 28, p.174-185, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/fhCwVsXxzFb8ytS5ZvDVvzm/abstract/?lang=pt> . Acesso em :19 set.2024.

RICCI, Tania Facchini; CRUZ, José Anderson Santos. **O desenvolvimento das competências socioemocionais em alunos da educação básica como ferramenta de combate ao “bullying” nas escolas.** Nuances: Estudos sobre Educação, p. e021003-e021003, 2021. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/9116> . Acesso em: 13 set. 2024.

SALLES, Leila Maria Ferreira et al. **Um estudo sobre jovens e violência no espaço escolar.** Psicologia & Sociedade, v. 26, p. 148-157, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dDZWLtsDWckfn8xfG95VQBS/abstract/?lang=pt> . Acesso em :3 set.2024.

SILVA, Cíntia Santana e; VILELA, Elaine Meire; OLIVEIRA, Valéria Cristina de. **Bullying nas escolas públicas e privadas: os efeitos de gênero, raça e nível socioeconômico.** Educação e Pesquisa, v. 50, p. e264614, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/224136> . Acesso em :3 set.2024.

SOARES Sá Britto, Eder; FERREIRA Mafra, Jason. **Violências entre pares no contexto escolar: razões e enfrentamentos.** Dialogia, n. 32, p.165, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/14323> . Acesso em: 10 set. 2024.

TORRES, Nelson Vieira; DE ARAUJO, Elson Luiz. **O observatório da educação e as questões de gênero e violência escolar: confronto entre meninas.** Interfaces da Educação v.6, n.16, p.90-102,2015. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/442> . Acesso em: 5 set. 2024.

Submetido em: 06/02/2025

Aceito em:15/08/2025

Citações e referências
conforme normas da:

